

JN

23/III/94

17h

PALESTRA CASEIRA

SOBRE SANTO AGOSTINHO

Mais uma vez me caíu sob o olhar, uma frase de S.to Agostinho, que nada perdeu da sua actualidade, precisamente por constituir uma daquelas verdades, a que podemos chamar eternas.

A frase é esta: «Vale mais não haver necessitados do que haver quem pratique a virtude da misericórdia. Uma misericórdia que desejasse a existência de miseráveis, para poder acudir-lhe compadecidamente, seria tão cruel como uma medicina, que, para se poder exercer, desejasse que houvesse doentes.»

Se o grande Santo Agostinho visse nos tempos de hoje, teria escrito doutra maneira, e talvez dissesse: «Vale mais não haver assistência do que haver quem dela necessite; vale mais não haver socorro social do que haver miseráveis; vale mais não haver quem dê esmolas do que haver pedintes pelas ruas e famílias abandonadas.»

E talvez acrescentasse ainda: vale mais não haver legislação social, do que haver homens sem trabalho, operários sem o devido salário, chefes de família que trabalham sem ganhar o suficiente para sustentar o seu lar e sem casa, onde possam florescer as virtudes e o amor de família.

Segundo o pensamento do genial Bispo de Hipona, a misericórdia para com as misérias materiais, a esmola, e todas as mais ou menos perfeitas organizações e desorganizações assistenciais são um bem muito menor do que seria uma organização social que não precisasse de nada disso.

Infelizmente, como esse bem raras vezes tem sido atingido através da história, e certamente nunca o foi em toda a parte, não há outro remédio senão aceitar esse bem falheiro da assistência e da esmola, à espera de que um dia se resolvam os homens a dispensá-lo.

Nós somos, com efeito, daqueles que acreditam — os que não acreditam é que são, em última análise, os grandes responsáveis deste estado de coisas — somos dos que acreditam, fomos dizendo, na possibilidade de melhorar este mundo e, portanto, de se chegar um dia a dispensar os Ministérios da Assistência e as obras de beneficência.

E não era assim tão difícil como parece à primeira vista. Bastava que todos nós nos decidíssemos a querê-lo.

Um dos grandes passos para a superação desse cancro social que é a miséria está no seguro social, nas organizações de previdência que englobem todos os trabalhadores e as suas famílias. Uma previdência bem compreendida, bem organizada, bem desenvolvida é, só por si, suficiente para acabar com noventa por cento das causas de miséria. O trabalhador paga a sua cota mensal (no fim de contas, é só ele quem paga) mas fica seguro contra todos os riscos involuntários e nunca mais terá miséria em sua casa.

Bem sabemos que a previdência não atingiu ainda esta perfeição, que não cobre ainda os riscos do desemprego involuntário nem os duma sempre possível crise económica, nem tampouco, de maneira eficaz, o da morte prematura. Mas o que há feito a se está fazendo entre nós é já alguma coisa, são já os primeiros grandes

passos para melhor organização no futuro. «Roma e Pavia não se fizeram num dia».

Está assim provado que o essencial é acreditar e querer aquilo em que se acredita.

O pior é haver tão pouca gente que acredite. Parece impossível, mas é verdade que até aqueles que mais beneficiam, não acreditam.

Então não vemos nós os próprios operários fazerem causa comum com os patrões na sua luta contra a previdência?! Eles que eram capazes de... engulir os patrões, que lhes lançam olhares que parecem setas envenenadas, não se pejam de se porém, ao lado deles para lutar contra o seguro obrigatório!

E porquê? Só porque lhes descontam uns tantos por cento na fêria ou no ordenado! Não reparam que, se não lhes descontassem, haveriam de chegar à velhice miseráveis e ainda mais do que isso, se não lhes descontassem, nem por isso receberiam maior fêria do que recebem.

Quem paga a previdência é, de facto, o operário, que, em última análise, desconta o total das cotizações. Mas quem, no fim do mês, dá o dinheiro é o patrão. Se não existisse a previdência, o operário receberia o que está a receber e o patrão ficaria com o resto. E' que os salários já são calculados assim mesmo. Não sei se me faço compreender...

Que os operários — ao menos eles,

© Todos os direitos reservados

já que são eles quem, no fim de contas, há-de beneficiar — lutem pelo desenvolvimento da previdência, do seguro social ou do seguro obrigatório, como lhe quiserem chamar, mas que lutem com decisão!

A classe operária poderá então erguer a cabeça! Não precisará mais de fazer bicha à frente das cozinhas económicas, nem aos guichês da assistência, nem aos portões dos quartéis, dos seminários ou dos colégios, e não arrastará mais a sua dignidade pelas escadarias das repartições à procura de um cobertor, duma senha de pão ou duma caderneta que lhe dê direito a receber, no fim do mês, uma miserável esmola da assistência.

Quanta razão tem S.to Agostinho!

Que o não acredite quem dá assistência quer fazer estendal, ou quem deseja muitos pobres para que se lhe chame um homem de bem ou grande político, ainda vá. Mas que o não acredite quem tem brio e quer ser na sociedade um homem de espinha direita, é que se não compreende.

Por mim, ponho-me ao lado de S.to Agostinho. E ao lado de qualquer esforço sério para desenvolver a previdência ou o seguro social, a fim de que, num futuro mais ou menos próximo, possa a classe operária deixar cobrir de poeira os degraus de qualquer obra ou organização de assistência.

ABEL VARZIM